

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**GESSE ANDRION VALENTE**

**A LITERATURA INFANTIL E A INFÂNCIA:  
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR  
A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**



**FLORIANÓPOLIS  
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**GESSE ANDRION VALENTE**

**A LITERATURA INFANTIL E A INFÂNCIA:  
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Pedagogia.

Orientadora: Lilane Maria de Moura Chagas

**FLORIANÓPOLIS  
2013**



*A Luana, Cauê e Luiza, para que nunca  
lhes faltem a literatura e as experiências  
estéticas como nosso mundo.*

## AGRADECIMENTOS

- ◆ *À minha mãe Norma, pelo amor e educação. Por seres essa mulher por quem eu tenho muito orgulho em me inspirar. Por teres me ensinado a ser livre...*
- ◆ *Ao meu companheiro Thiago, pela paciência, pelas conversas, pelo apoio. Por me fazer acreditar...*
- ◆ *Aos meus filhos Luana e Cauê, que também foram grande fonte de inspiração nessa caminhada. Por todo amor...*
- ◆ *À minha orientadora Lilane, por caminhar junto comigo, me guiando, trazendo luz e sabedoria ao longo desse trajeto. Pelas poesias, inspirações, experiências estéticas...*
- ◆ *À professora Patrícia Laura Torriglia, por todos os ensinamentos nesses anos de graduação e por estares junto comigo desde o início desse projeto de TCC.*
- ◆ *À professora Jodete Fullgraf, por transmitir saberes preciosos na sua prática pedagógica, no período em que fui bolsista no Núcleo de Educação Infantil da UFSC. Pela alegria, pela amizade...*
- ◆ *A todos os professores que fizeram parte da minha caminhada pela graduação no Curso de Pedagogia, por todas as contribuições, inspirações, conhecimentos...*
- ◆ *As crianças quais eu já fui, as que são, e as que eu ainda serei professora, pelo privilégio de poder contribuir com as suas aprendizagens e por aprender com as suas infâncias. Pela afetividade, brincadeiras, experiências...*
- ◆ *A todos os meus amigos e a todas aquelas pessoas que de alguma forma engrandecem a cada dia a nossa cultura através dos seus processos de criação pelos caminhos das linguagens artísticas.*

## **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a dimensão estética no desenvolvimento das capacidades humanas e como a literatura infantil e juvenil pode contribuir nas aprendizagens como possibilidades de experiências estéticas através das suas expressões criadoras provindas das linguagens artísticas. Ao longo deste estudo nos deparamos com a importância de fundamentar alguns conceitos, como o papel da escola, o conceito de infância e criança, o papel do professor como mediador das aprendizagens das crianças, a literatura como produção literária provinda da cultura, assim como o campo da psicologia para nos ajudar a entender esse processo de educar-se esteticamente. Destacamos que experiência estética é introduzida nesse trabalho também por meio da reflexão sobre a importância das intervenções pedagógicas nas instituições educacionais voltadas para as crianças. Nesse sentido propomos uma reflexão em relação a vivência poética e o sentido de beleza por meio das sensibilidades humanas, essas que perpassam pelos atos imaginativos e que por consequência dos seus significados estimulam o ato criador.

**Palavras-chaves:** Educação estética, literatura infantil, infância.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Capa. Imagem ilustrada por Rebecca Dautremer.....	01
Imagem 2- Dedicatória. Imagem do livro: “Linéia no Jardim de Monet” .....	03
Imagem 3- Imagem Ilustrada por Oliver Desvaux.....	10
Imagem 4- Imagem da obra de Claude Monet: Le Bassin aux Nymphéas, Verde Harmonia, 1899.....	17
Imagem 5- Imagem do livro: “Princesas esquecidas ou desconhecidas...” .....	25
Imagem 6- Imagem do livro: “Érica e os Impressionistas” .....	29
Imagem 7- Imagem do livro: “Linéia no Jardim de Monet” .....	35
Imagem 8- Ilustração de Rosana Urbes.....	40

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. TRILHANDO CAMINHOS: A ESTÉTICA COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA E SENSÍVEL.....	10
2. A LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

## INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa teórica, onde buscamos compreender alguns aspectos sobre o tema, a partir do significado e sentido da educação estética com o foco especificamente para as artes literárias. Desta maneira, compreendemos que o processo pedagógico torna-se essencial como parte do desenvolvimento estético, possibilitando-se como um novo referencial estimulador e crítico. Assim, destacamos a importância de refletirmos sobre a educação estética nos espaços das instituições educacionais e como as crianças se apropriam desses conhecimentos, ou seja, como e que condições essa herança histórica poderá se desenvolver ao longo da existência do ser humano, pois acreditamos que esses conhecimentos possibilitam a ampliação dos repertórios das crianças.

Esse trabalho começa a trilhar seu percurso primeiramente com o objetivo de refletir sobre a estética como possibilidade de experiência poética e sensível do ser humano. Nosso objetivo neste texto é o de compreender porque a estética perpassa pelas diversas linguagens, mobilizando, educando sentidos, emocionando mediante diversas formas de interação. Nosso interesse nessa pesquisa procurou aproximar-se de alguns conhecimentos sobre o tema, que enfatiza a educação estética, as artes e a literatura como possibilidades de estudo. Desse modo, podemos dizer que a dimensão estética foi abordada nesse primeiro capítulo para que pudéssemos começar a compreendê-la em suas mais diversas dimensões, refletindo sobre a constituição e desenvolvimento do homem, através dos seus universos intelectivos e emocionais. A experiência estética é introduzida nesse trabalho também por meio da reflexão sobre a importância das intervenções pedagógicas nas instituições educacionais voltadas para as crianças, e dentre esses caminhos percorridos, a formação estética das crianças nos instigou a refletir sobre as possibilidades de fruções através das artes, e a partir desse caminhar por vias sensíveis, nós escolhemos as artes literárias como possibilidades valiosas para se pensar na aprendizagem das crianças pelo viés da experiência estética.

Nessa nossa jornada, pudemos compreender melhor a ligação fundamental entre o conhecimento e o sentir humano, esses que se configuraram também a partir de uma leitura de mundo, relações essas que acreditamos serem mais significativas a partir das experiências onde as nossas emoções se configuram em encantamentos pelas descobertas e aprendizagens. As artes se encontram nessa pesquisa como parte fundamental desse conhecimento, por suas possibilidades de atribuir o sentimento estético a partir das relações que estabelecemos com as culturas. Estas relações são destacadas aqui como um meio significativo para as



aprendizagens nos âmbitos educacionais, pois acreditamos que a intencionalidade mediadora educacional, estabelecidas com as crianças, deve-se também aos repertórios de quem as ensinam e também de suas relações estabelecidas com o meio. Portanto, os conhecimentos estudados no decorrer desse percurso ostentam por uma formação estética das crianças, a partir de uma perspectiva de desenvolvimento que evidencia as possibilidades de fruições através das artes, por via da educação.

Ao longo dessa pesquisa nos deparamos com teorias que abordam o desenvolvimento das crianças e seus modos de aprendizagens, essas que se complexificam a partir de suas inúmeras formas de expressões e modos de viverem a infância. Sendo assim, procuramos evidenciar nesses capítulos algumas contribuições para se pensar na qualidade das relações estéticas que as crianças estabelecem, buscando conceitos que explicitam como esse processo acontece e como suas dimensões podem prosperar os seus desenvolvimentos e suas relações com o meio.

Contudo, no segundo capítulo desta pesquisa, se encontram breves reflexões e diálogos com alguns autores que evidenciam as artes literárias nas suas obras, assim como sua importância para a educação das crianças. A literatura se destaca nesse trabalho sob uma perspectiva poética, perpassando pela compreensão do seu contexto artístico através das suas possibilidades de experiências estéticas, suas formas de promover novas descobertas, suas maneiras de instigar a beleza através dos seus diversos formatos de provocação sensível, suas ilustrações, suas histórias, suas leituras de mundo, seus atos criativos, seus complexos modos de gerar alternativas de se imaginar coisas novas, entre outros.

Ao final dessa caminhada nos deparamos com a profundidade de elementos que o livro de histórias carrega em suas páginas, todo o seu contexto, físico e imaterial propõe novas dimensões para se pensar as relações que as crianças estabelecem ao terem a oportunidade de conviver com suas qualidades. Qualidades essas que também são títulos e bases para muitas pesquisas, mas que aqui se destacam sob algumas das suas específicas formas e dimensões ao estabelecerem contato com o leitor e seus modos de se relacionar com essa produção da nossa cultura.

## 1. TRILHANDO CAMINHOS: A ESTÉTICA COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA E SENSÍVEL

Imagem 3 – Ilustração de Olivier Desvaux<sup>1</sup>



Fonte: <http://desvauxolivier.blogspot.com.br/>

A imagem acima é uma ilustração literária, ela faz parte da criação do artista francês Olivier Desvaux. A escolha dessa imagem perpassa pelos aspectos sensíveis que nos remetem a pensar, a imaginar, a perguntar, revelando-se através de um imaginário fantástico ou até mesmo a nos contar uma história, pois ao observarmos o contexto de suas cores, formas, texturas, profundidades, linhas, luzes, sombras, entre outros, nos deparamos com um mundo mágico, esses que costumamos encontrar somente em histórias que imaginamos, que ouvimos e que encontramos em livros. Ao olhar para a imagem, quase que num instante, podemos sentir o vento que balança o campo verde, já a revoada de pássaros é tão sensível que quase nos ecoa o bater das suas asas. Quem é esse ser que caminha por entre a vegetação? Há um

---

A imagem da capa é uma ilustração da artista Rebecca Dautremer. Fonte: <http://www.rebeccadautremer.com/>.  
A imagem da dedicatória é uma ilustração encontrada no livro “Linéia no Jardim de Monet”. Conf. Referência completa no final desse texto.

<sup>1</sup> Olivier Desvaux é um artista e ilustrador francês. Sua biografia e algumas de suas obras podem ser encontradas no site: <http://www.olivierdesvaux.com/>.

lugar a que se destina? Ele deixa uma trilha pelo caminho? Que luz é essa que podemos seguir? É o conhecimento? É a arte? O que é?

Como já indicamos, nossa pesquisa possui o objetivo de compreender porque a estética perpassa pelas diversas linguagens, mobilizando, educando sentidos, emocionando mediante diversas formas de interação. Nosso interesse nessa pesquisa, procurou aproximar-se de alguns conhecimentos sobre o tema, que enfatiza a educação estética, as artes e a literatura como possibilidades de estudo.

Neste sentido, procuramos um referencial que nos possibilitasse compreender o desenvolvimento humano e os fundamentos das experiências estéticas e literárias, e dentre os autores que nos ajudaram a trilhar essa pesquisa destacamos (VIGOTSKY, 1999; 2001; 2009), (ZANELLA, 2007), (MEIRA, 2009), (GIRARDELLO, 2012), (BISSOLI; CHAGAS, 2012), (CHAGAS, 2006), (DEBUS, 2006), (HONORATO, 2006), (MELLO, 2007), (DUARTE, 1998), (OLIVEIRA, 2010) entre outros.

Destacamos também como um documento importante para pensar o tema, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997) quando justifica uma educação voltada para as artes nos mais diversos âmbitos da escola:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN ARTES, 1997, 19).

Pensar na formação estética das crianças é essencial, pois estabelece uma relação direta com a experiência humana conforme destaca a citação acima. Nessa direção, refletir sobre as teorias relacionadas à estética torna-se fundamental para pensar a formação e o desenvolvimento do ser social, pois a estética pode traduzir-se num fenômeno capaz de transportar ao ato criador, se integrando a afetividade e as diversas formas de expressar as linguagens e referências socioculturais.

Neste contexto esta pesquisa tem como objetivos, dialogar com alguns autores a fim de compreender alguns aspectos da educação estética e a sua relação com as artes literárias voltadas para as crianças. Neste caso, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, nos apresenta um dos seus objetivos: “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de

fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos.” (PCN LINGUA PORTUGUESA, 1997, p. 33).

Refletir sobre a educação estética se torna um desafio numa realidade contraditória. Compreender esteticamente nos proporciona ir para além dos limites, buscando brechas e possibilidade de superar as contradições posta no real.

Nesse sentido, podemos indagar até que ponto somos capazes de agir intencionalmente no constante movimento de produção e reprodução da vida? Em que favorece a dimensão estética no desenvolvimento das capacidades humanas? E como a literatura pode ser um instrumento valioso quando se pensa em proposições voltadas ao poético e as experiências estéticas? Essas indagações são as que permeiam as nossas discussões acerca do tema escolhido para o estudo, mas embora tenhamos o anseio por respondê-las, sabemos que as mesmas são questões que necessitam de tempo para aprofundar tamanha disponibilidade de conteúdos teóricos disponíveis para a pesquisa, devido à complexidade dos significados que comportam de cada uma delas.

Ao trilhar por esses conhecimentos, passamos a compreender melhor as artes literárias, essas que se configuram através das suas inúmeras possibilidades de fruições criadoras e imaginativas, sendo assim torna-se fundamental destacar a escola como uma importante aliada, para o desenvolvimento social e cultural do ser humano, esta que merece ser pesquisada em suas mais diversas especificidades, mas que aqui se destaca pelas possibilidades poéticas de educação. Assim, destacamos os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997) quando nos evidencia a importância da criança:

Compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos. (PCN ARTES, 1997, p. 39).

Quando pensamos em uma educação através da beleza, propomos uma educação estética provocadora dos sentidos, educadora da sensibilidade humana, ou seja, que desperte o sensível, o crítico e o ético. Meira (1999) contextualiza que o “significado do termo estético, na sua origem, era *sentir* com, ou seja, sentir junto com os outros, ou aliar a sensorialidade ao sentimento”. Para Duarte Jr. (1988):

(...) a matriz básica sobre a qual são geradas a compreensão e a razão humanas é emocional. *Sentimento* aqui significa também uma maneira emotiva de relacionamento com o mundo. (...) os sentimentos que guiam a razão, para que esta apreenda e disseque tudo aquilo que já foi *sentido* como importante à nossa vida. Os caminhos da razão são traçados pelo compasso das emoções. (p. 74 - 75).

De acordo com (Vecchi apud Ostetto 2010) a dimensão estética “pressupõe um olhar que descobre que admira e se emociona. É o contrário da indiferença, da negligência e do conformismo”. (OSTETTO, 2010, p.58). Esse olhar desejado não é inato, mas educado ao longo da nossa existência, através dos significados estéticos atribuídos pelas relações socioculturais da nossa própria história. Para Duarte Jr. (1988) a experiência estética “se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação.” (DUARTE JR., 1988, p. 91).

Meira (1999) nos provoca a refletir sobre o significado de beleza trazendo Afrodite como exemplo, a deusa da beleza e do amor, qualidades essas que para os gregos tinham a função de *provocar*, ou seja, “(...) a provocação do reconhecimento, de admitir que cada coisa tem alma, paixões, amor, fascinação capaz de provocar uma reciprocidade afetiva(...)” (MEIRA, 1999, p.126). Duarte Jr. (1988) registra que a beleza habita a relação entre o homem e o mundo e entre a consciência e o objeto, ou seja:

A relação onde os sentimentos *entram em consonância* com as formas que lhes tocam, vindas do exterior. (...) Na experiência estética os meus sentimentos descobrem-se nas formas que lhe são dadas, como eu me descubro no espelho. Através dos sentimentos identificamo-nos com o objeto estético, e com ele nos tornamos um. ( p.93).

Acreditamos que educação estética crítica seja capaz de filosofar com a configuração social, percebendo a influência das mídias e dos sistemas de controle. A constituição do sujeito depende das suas experiências e referências históricas, por isso quanto mais rico for aquilo que o fizer *sentir*, mais complexos se tornarão os seus sentidos e conhecimentos. Neste caso é possível educar para a sensibilidade? Como podemos gostar daquilo que não conhecemos? O conhecimento acumulado pela humanidade torna-se uma ferramenta de controle social, o que deveria ser um patrimônio, pelas vias do capitalismo privilegia apenas uma pequena minoria de pessoas, as quais possuem acesso aos restritos bens culturais e científicos. Contudo, esses seres humanos também se tornam vítimas dos meios de produção

estéticos, os quais circulam coletivamente através de padrões impostos, reproduzindo o que já existe.

A história encarregou-se de mostrar os efeitos da cientificidade desviada para o consumo e o fortalecimento dos poderes de dominação e exclusão. Essa história também revelou os desvios estéticos praticados pela sociedade, que derramou, na cultura, objetos e eventos artísticos muitas vezes atrelados a fins meramente utilitários, aos negócios e ao consumo. (MEIRA, 1999, p.129).

Como eu percebo e me relaciono com o mundo? Que perspectivas eu tenho para criar e me manifestar através das interações que me constituem como ser humano? Segundo Vigotsky (2009), o ato de criar está vinculado com a imaginação e esta depende diretamente da diversidade de contribuições históricas que nos são acessíveis, as quais estão ligadas aos sentimentos e as emoções, aquilo que nos faz sentir, que nos tocam, assim aprendemos o mundo, constituímos nossos imaginários e fazemos significados durante a nossa vida.

Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente. (VIGOTSKY, 2009, p. 14).

De acordo com Vigotsky (2009) a cada fase da vida do homem a criação possui uma característica diferente devido ao acúmulo de experiências que adquirimos durante a vida. Nesse sentido cabe destacar também que “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela.” (VIGOTSKY, 2009, p. 22). Contudo a realidade social das pessoas em sua maioria acaba não privilegiando momentos ricos e diversos, pois sabemos que o tempo, a distribuição de renda e a organização política em que estamos inseridos acabam por não possibilitar maiores interatividades com o mundo. “A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores.” (VIGOTSKY, 2009, p.42).

Segundo Vigotsky (2009), todos os seres humanos possuem a capacidade de criar, por mais que não tenhamos as mesmas condições sociais. A criação existe e está por toda parte, pois não deixamos de imaginar e criar coisas novas, mesmo que estas pareçam pequenas diante de grandes criações. Assim, “(...) a imaginação criadora não desaparece por completo em ninguém, ela apenas transforma-se em casualidade.” (VIGOTSKY, 2009, p.48). A partir

deste contexto teórico, podemos afirmar que cada ser humano adquire durante sua existência e desenvolvimento, significados que lhes são próprios e lhes permitem serem pessoas individuais.

De acordo com Vigotsky (2009), cada palavra que ecoa e vibra sonoramente ao nosso alcance, é capaz de produzir um efeito estético, nos afetando e nos emocionando, por isso a educação torna-se fundamental, pois desde a primeira infância somos capazes de expressar-nos, desenvolver-nos e nas relações estabelecidas também criar. Duarte Jr. (1988) destaca que:

Na experiência estética o cotidiano é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante nós a sua criação, que nos envolve carinhosamente. O mundo parou. Desfez-se. Do seu ventre estéril surge uma nova realidade com quem nos embriagamos misticamente. Esta é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que a nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação. (p.91).

A experiência estética possibilita também um diálogo com a educação escolar, refletindo desde a primeira infância sobre os processos formativos da mente e como eles se desenvolvem. Sobretudo indagamos como estão sendo formados os professores e qual é a ênfase para o ensino das artes nas instituições de ensino, estes que acreditamos serem importantes instrumentos formadores da significação sensível dos seres humanos para com o mundo. Segundo Ostetto:

Considerar a “dimensão estética” como fundamento de uma proposta pedagógica é compreender a indissociabilidade entre os aspectos cognitivos e afetivos, entre razão e sensibilidade, compreensão que ultrapassa o momento isolado de um “fazer artístico”, previsto pelo professor em seu planejamento. (OSTETTO, 2010, p. 58).

Relacionamos-nos com o mundo através de várias linguagens desde a primeira infância, apropriando-nos dos processos criativos e artísticos a partir daquilo que sentimos, assim experimentamos, modificamos os espaços e produzimos cultura. Neste “(...) ato de conhecer o mundo não é possível separar-se os sentimentos das construções discursivas da linguagem.” (DUARTE JR., 1988, p.74). As imagens que degustamos, são percebidas, captadas e refinadas em linguagens, assim como a sensibilidade que pode ser ensinada e estimulada desde o momento do nascimento.

Neste sentido não podemos deixar de destacar a importância das imagens produzidas pela nossa cultura e que estão disponíveis nos ambientes educacionais, pois segundo Cunha (2001) as imagens promovem uma educação, atuando e ensinando valores, normas, comportamentos, modos de ver e ser, os quais na maioria das vezes não fazem sentido para crianças e adultos. Assim, não podemos deixar de refletir sobre os espaços das instituições de educação e nas referências estéticas que esses profissionais que atuam na escola, irão proporcionar para aqueles que ali convivem, se relacionam e se desenvolvem.

Neste caso, torna-se importante refletir como estão configuradas na sociedade as artes produzidas no mundo, assim como o que o sistema configura através deste conhecimento, utilizando o imaginário cultural a partir de sistemas simbólicos. Este parece ser um ciclo que se repete não só no ambiente escolar, mas em todos os lugares, principalmente os midiáticos. De acordo com essa visão:

(...) no ato humano de conhecer o mundo, as relações entre sentimentos e símbolos constituem seus processos fundamentais. Toda compreensão dada pelos símbolos está eivada de fatores emocionais, e inversamente, todo sentimento busca tornar-se inteligível através dos símbolos. (DUARTE, 1988, p.79).

De acordo com Duarte Jr. (1988), a obra de arte é sempre uma expressão de sentimentos do conhecimento humano, esta que se concretiza numa forma que pode ser percebida pelos espectadores, mas que nunca significa nada fora de si mesma. Porém a obra de arte não expressa somente os sentimentos do artista, mas interage com as suas relações com a comunidade e também com seu tempo histórico e cultural “(...) exprimindo-os a partir de suas experiências pessoais, de seu sentir-se no mundo.” (DUARTE, 1988, p.85).

De acordo com Duarte Jr.(1988), a consciência estética acontecerá na criança a partir do momento em que ela se sensibiliza com o meio e se conscientiza com o seu próprio eu, por isso que esta consciência possui um significado muito maior do que somente expor as crianças as obras de arte. Neste caso, destacamos Gardner *apud* Girardello (2011): “a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia”. Por isso creditamos que o ambiente escolar de uma instituição de educação precisa ser um espaço onde a arte, a beleza e as relações estéticas se entrelacem, priorizando os seus mais diversos significados. Cabe aqui destacar a importância de se considerar a criança como um ser social que interfere e experimenta o mundo, assim como garantir o seu direito a infância,



proporcionando um lugar seguro e criativo, que ela possa se expressar, brincar, se desenvolver e se relacionar através das mais diversas linguagens.

Imagem 4 - Claude Monet<sup>2</sup>, Le Bassin aux Nymphéas, Verde Harmonia, 1899



Fonte : <http://www.musee-orangerie.fr/>

Este quadro de Oscar Claude Monet (1899) nos inspira quando refletimos sobre a experiência estética, porque para além das suas obras, ficamos conhecendo o impressionismo de Monet e as impressões causadas através das vivências a partir da obra de arte. Podemos dizer aqui que as emoções estéticas de Monet foram tão intensas com o meio, que se refletiram nas suas obras e essas se perpetuaram nas experiências de muitas pessoas, mesmo 160 anos depois que ele começou a pintar os seus quadros. A arte representa também o potencial estimulador para novas fruições criadoras a partir da arte e das nossas relações com o mundo, essas que acreditamos serem essenciais também para o campo educacional. Monet não se resultava somente nos seus maravilhosos quadros, mas também por suas

---

<sup>2</sup> Claude Oscar Monet é um pintor francês, famoso pelas suas obras, foi um dos fundadores do termo impressionismo no mundo da arte. Suas referências destacadas neste texto podem ser apreciadas no livro: “Linéia no Jardim de Monet” referenciado neste trabalho.

particularidades humanas, assim como na sua história de vida, seu jardim, seus olhares para com a natureza, suas impressões, seus desejos, suas flores, suas experiências estéticas, seu viver poético perante a vida e beleza, entre outros.

Compreendemos que a perspectiva histórico-cultural nos possibilita entender que as nossas experiências e interações com o meio aonde vamos construindo a nossa história de vida é que nos constituirão como seres humanos diferenciados e únicos, sendo assim compreendemos que nossas personalidades, gostos, ações, entre outros, estão permeados de significados que fazemos a todo o momento com o mundo que se apresenta para nós, ou seja, aquele mundo ao qual possuímos acesso, daquilo que nos está disponível a partir das nossas relações sociais e culturais.

A estética se caracteriza aqui como uma dimensão importante desse processo de desenvolvimento humano, sendo que a experiência estética acontece através das vivências que fazemos através das nossas interações com o meio. De acordo com Vigotsky (1999) “concebemos a estética como uma teoria do comportamento estético, (Verhalten) [...] a estética deve ser considerada como uma psicologia do prazer estético e da criação artística” (VIGOTSKY, 1999, p. 7). Portanto, a partir dessas experiências as quais fazem parte do agir humano, significamos essas relações e desenvolvemos as nossas capacidades humanas.

Acreditamos ser fundamental uma educação que caracteriza a experiência estética como um dos pilares para o desenvolvimento das capacidades humanas, pois esta experiência está diretamente ligada ao processo de constituição das funções psicológicas superiores. De acordo com Vigotsky (2001) a reação estética pode ser entendida como uma complexidade do pensamento e das emoções e nesse sentido destacamos suas palavras:

A contradição, a repulsão interior, a superação e a vitória são constituintes obrigatórios do ato estético. É necessário ver o feio em toda a sua força para depois colocar-se acima dele o riso. É necessário vivenciar com o herói da tragédia todo o desespero da morte para com o coro elevar-se sobre ela. A arte implica essa emoção dialética que reconstrói o comportamento e por isso ela sempre significa uma atividade sumamente complexa de luta interna que se conclui na catarse. (VIGOTSKY, 2001, p. 345).

Vigotsky (1999) através dos seus estudos nos define o que há de central na reação estética e no que consiste a catarse:

Poderíamos dizer que a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda a realidade e força, mas encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte. Graças a essa descarga central, retém-se e recalca-se extraordinariamente o aspecto motor externo da emoção, e começa a nos parecer que experimentamos apenas sentimentos ilusórios. É nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer obra de arte. Sua peculiaridade imediata consiste em que, ao nos suscitar emoções voltadas para sentidos opostos, só pelo princípio da antítese retém a expressão motora das emoções e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói as emoções do conteúdo, as emoções da forma, acarretando a explosão e a descarga de energia nervosa. [...] É nessa transformação das emoções, nessa autocombustão, nessa reação explosiva que acarreta a descarga das emoções imediatamente suscitadas, que consiste a catarse da reação estética. (VIGOTSKY, 1999, p. 272).

Segundo Vigotsky (2001) ao inserir a arte na educação, deve-se refletir para além das percepções sensoriais, ou seja, estas estimulações são importantes para promover uma atividade mais complexa, a vivência estética:

[...] podemos dizer perfeitamente que a emoção estética se baseia em um modelo absolutamente preciso de reação comum, que pressupõe necessariamente a existência de três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta. O momento da percepção sensorial da forma, aquele trabalho desempenhado pelo olho e o ouvido constitui apenas o momento inicial da vivência estética. [...] Sabemos que uma obra de arte é um sistema especialmente organizado de impressões externas ou interferências sensoriais sobre o organismo. Entretanto, estas interferências estão organizadas e construídas de tal modo que estimulam no organismo um tipo de reação diferente do que habitualmente ocorre, e esta atividade específica, vinculada aos estímulos estéticos, é o que constitui a natureza da vivência estética. (VIGOTSKY, 2001, p. 333).

Quando pensamos uma educação estética provocadora dos sentidos estamos afirmando que “o sentimento estético deve ser objeto de educação tanto quanto os demais, só que de formas específicas” (VIGOTSKY, 2001, p. 350). Ainda o autor destaca o seu apreço pelas artes, destacando o ensino das artes para além da técnica em si, sendo essencial uma educação estética onde se valoriza a “criação da criança e a cultura das suas percepções artísticas.” (VIGOTSKY, 2001, p. 351). Sendo assim, Vigotsky (2001) destaca como objetivo principal e como um fim para a educação geral a importância do ato de “observar, ouvir, sentir prazer” como uma necessidade que precisa de uma aprendizagem especial. Sendo assim destacamos as palavras do autor:

[...] quando se fala em educação estética no sistema de educação geral deve-se sempre ter em vista essa incorporação da criança à experiência estética da sociedade humana: incorporá-la inteiramente à arte monumental e através dela incluir o psiquismo da criança naquele trabalho geral e universal que a sociedade humana desenvolveu ao longo dos milênios, sublimando a arte ao seu psiquismo. (VIGOTSKY, 2001, p. 351).

Compreendemos então a necessidade de ampliar os repertórios das crianças no âmbito educacional, mas para que essa tarefa se conclua o professor precisa estar calcado desses conhecimentos para assim poder introduzir para si e na vida das crianças a educação estética. A arte representa aqui esse encontro com a experiência sensível, pois ela também exige uma formação humana para o ato criador. “A arte transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração real dos objetos e situações”. (VIGOTSKY, 2001, p. 352). Neste sentido destacamos o sentido social da arte para Vigotsky (1999):

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas relações pessoais. Por isso, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social. (VIGOTSKY, 1999, p. 315).

Ao articular a educação estética com as linguagens artísticas, identificamos o que Vigotsky (2001, p. 352) chama de “elaboração criadora da realidade”. Nesse sentido Vigotsky (2001) nos aponta para o poético e para a beleza provocadora de sentidos que a experiência com a arte pode ocasionar enquanto objeto estético voltado para a educação:

De coisa rara e fútil a beleza deve transformar-se em uma exigência do cotidiano. O esforço artístico deve impregnar cada movimento, cada palavra, cada sorriso da criança. É de Potiebníá a bela afirmação de que, assim como a eletricidade não existe só onde existe a tempestade, a poesia também não existe só onde há grandes criações de arte, mas em toda a parte onde soa a palavra do homem. E é essa poesia de “cada instante” que constitui quase a tarefa mais importante da educação estética. (VIGOTSKY, 2001, P. 352).

Quando nos reportamos ao ato criador como essencial no desenvolvimento das crianças é preciso compreender que “a criação é condição necessária da existência, e tudo o que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota do novo, deve sua origem ao

processo de criação do homem” (VIGOTSKY, 2009, p. 16). De acordo com Vigotsky (2009) esse processo pode ser identificado no ato de brincar das crianças, e temos como exemplo as brincadeiras de faz de conta, a imitação ao seu modo como reprodução brincante da realidade que lhes são vividas, assim “a brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas.” (VIGOTSKY, 2009, p. 17).

Segundo Vigotsky (2009, p. 22) “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Nesse sentido entendemos a necessária aproximação das crianças as diversas linguagens artísticas existentes na nossa cultura, assim através dessas relações e experiências estéticas estimuladas pelo educador a criança estará provida de elementos importantes para o seu imaginário e sentimentos. Esses dois elementos são essenciais para o desenvolvimento das crianças, sendo que “todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos” (VIGOTSKY, 2009, p. 28). Ao compreender esses elementos como essenciais, reafirmamos as palavras de Zanella (2007):

O processo de criação parte, pois, da própria realidade, da miríade de luzes, formas, consistências, sabores, texturas e sons que, uma vez combinados, transformados, negados, configuram possibilidades infinitas de recriação e transcendência da própria realidade. (ZANELLA, 2007, p. 149).

Por conseguinte nos perguntamos sobre as qualidades das experiências estéticas que proporcionamos para as crianças no processo educativo, assim como as suas interações com as linguagens artísticas. A importância desses momentos na escola torna-se essencial na medida em que tomamos conhecimento que a maioria das crianças não possuem seus direitos mais básicos respeitados e garantidos, principalmente a partir do momento em que não possuem condições materiais e estruturas familiares e educacionais que garantam seus acessos aos bens materiais e imateriais de qualidade acerca do patrimônio cultural produzido pela humanidade ao longo da história. Nesse sentido Bissoli & Chagas (2012, p. 16) destacam que “muitos de nossos alunos não têm livros, nunca foram ao cinema, ao museu, à biblioteca pública, ao teatro. Seus interesses estão limitados às condições materiais precárias que vivem.” Nesse sentido cabe ressaltar o significado de educação para Vigotsky (2001):

O sistema de educação social visa ampliar ao máximo os âmbitos da experiência pessoal e limitada, estabelecer contato entre o psiquismo da criança e as esferas mais amplas da experiência social já acumulada, como que incluir a criança na rede mais ampla possível da vida. Essas finalidades gerais determinam inteiramente também os caminhos da educação estética. (VIGOTSKY, 2001, p. 351).

Portanto, a partir dessas reflexões destacamos a importância do contato e interações das crianças com o universo cultural, mas nesse caso refletimos sobre a importância da formação dos professores, estes que atribuirão esse imprescindível papel de mediação e ensino para uma aprendizagem significativa. Para tal atribuição acreditamos que o professor precisa vivenciar essas relações e emoções estéticas no seu meio, estar provido desses elementos vivenciados pelos caminhos de sua vida. É necessário terem contato e conhecimento, para assim levarem o seus interesses a viver pela poética que a vida lhes apresenta, suscitada então pela catarse das emoções estéticas, onde soam as palavras, pensamentos, imaginários, entre outros, estes que possibilitam recriar novas possibilidades criativas. Nesse sentido destacamos Trierweiller (2008):

[...] é imprescindível que às professoras-pessoas não lhes sejam negadas a oportunidade de ampliação de seus referenciais artístico-culturais. Como pode um professor que não cria, não vive em plenitude a forma-beleza, que não aprecia, que não estranha, que não conhece e/ou crítica os mais diversos elementos da criação humana, oportunizar e/ou conhecer as produções das crianças com as quais convive no espaço coletivo da educação [...]. (TRIERWEILLER, 2008, p. 209).

As diversas formas de experiências do ser social mediante as linguagens estão em constante movimento. Entretanto, torna-se fundamental que o professor tenha uma profunda formação em que os conhecimentos adquiridos estejam em constante articulação com a sua prática e intervenção, atualizando-se com as novas criações, produções e transformações da humanidade, ampliando seu repertório e suas vivências culturais. Nesse sentido, enfatizamos a importância de:

Uma formação que permita olhar a realidade e reconhecer as possibilidades ilimitadas que historicamente o ser humano conquistou de inventar modos de transcendê-la e lançar-se em direção ao devir. Uma formação enfim, que considere os – e invista nos – sujeitos em relação a partir da convicção de que as conquistas históricas da humanidade são prerrogativa de todos e cada um pode, em se lhe dando as condições necessárias, contribuir efetivamente

para a (re)criação da existência tanto sua quanto coletiva. (ZANELLA, 2007, p. 149).

Nessa linha de pensamento, quando pensamos esse movimento do professor para uma educação estética que seja significativa para as crianças, refletimos sobre os significados atribuídos as interações com o seu entorno. É importante refletir ainda se esse processo de aprendizagem da criança está sendo priorizado os encontros com as paixões provocadoras dos sentidos, essas que por alguns instantes se condicionam a catarse e nos emocionam perante o belo. O belo no sentido da apreciação de um viver poeticamente, interpretando as artes nas mais diversas formas de expressão do ser humano, respeitando o social e a história particular de cada pessoa.

As crianças precisam internalizar os conhecimentos transmitidos pela humanidade e vivências que lhes provoque ampliar suas capacidades humanas e assim possam enriquecer suas vivências e acessem materiais cada vez mais complexos e enriquecidos, ou seja, que elas tenham a oportunidade de vivenciar experiências estéticas com qualidades através das interações com as produções culturais que hoje revelam a nossa história e assim se constituam como sujeitos reprodutores, produtores, ou melhor, criadores do novo. Nesse sentido destacamos:

Olhares estéticos, portanto, dependem não somente da visão, mas fundamentalmente das relações que pessoas concretas estabelecem, por seu intermédio, com a realidade. Relações que são estéticas na medida em que consistem em experiências pautadas por uma sensibilidade que descola a ambos, sujeito e realidade ad-mirada, do imediato, da existência física e concreta. (ZANELLA, 2007, p. 151).

Acreditamos que para despertar as paixões pelo ato criador, além de promover momentos de interações das crianças com o seu entorno, é na prática e na convivência com os elementos da cultura que ela acumulará experiências necessárias para o seu desenvolvimento. Esse encontro com o mundo pode ser a partir da beleza das fontes poéticas de se viver a vida, educando-se para a sensibilidade de saber que a vida produz um efeito estético em nós, nos emocionando, dando sentido e propósito aos nossos sonhos e desejos. Nesse sentido destacamos o ato de educar:

[...] ao educar, o professor atua sobre o psiquismo da criança como um todo. Portanto, seu trabalho não tem por objetivo apenas o desenvolvimento de crianças inteligentes. Ele vai muito além. Educar é, também contribuir para que essas crianças possuam autoconfiança positivo e para que se tornem capazes de dominar a própria conduta, atuando voluntariamente e autonomamente. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 21).

A teoria e a prática devem caminhar juntas nesse processo de se iniciar-se a educação estética, ou seja, é preciso estar aberto as [...] novas formas de perceber e se expressar criativamente, arrisca-se, lançar-se ao novo, a desestabilização de uma percepção limitada por um vocabulário pronto, novos sentidos. (ZANELLA, 2007, p. 151). Assim, podemos dizer que nossa natureza é social e dela parte a mobilização que nos impulsiona para nos tornar o que queremos ser e o que queremos para as nossas crianças. “Aprender mobiliza nossas motivações, nossas emoções. E, dialeticamente, nossas emoções nos preparam para aprender. Nessa relação, tomamos consciência de nossas possibilidades, motivos e funções sociais.” (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 31).

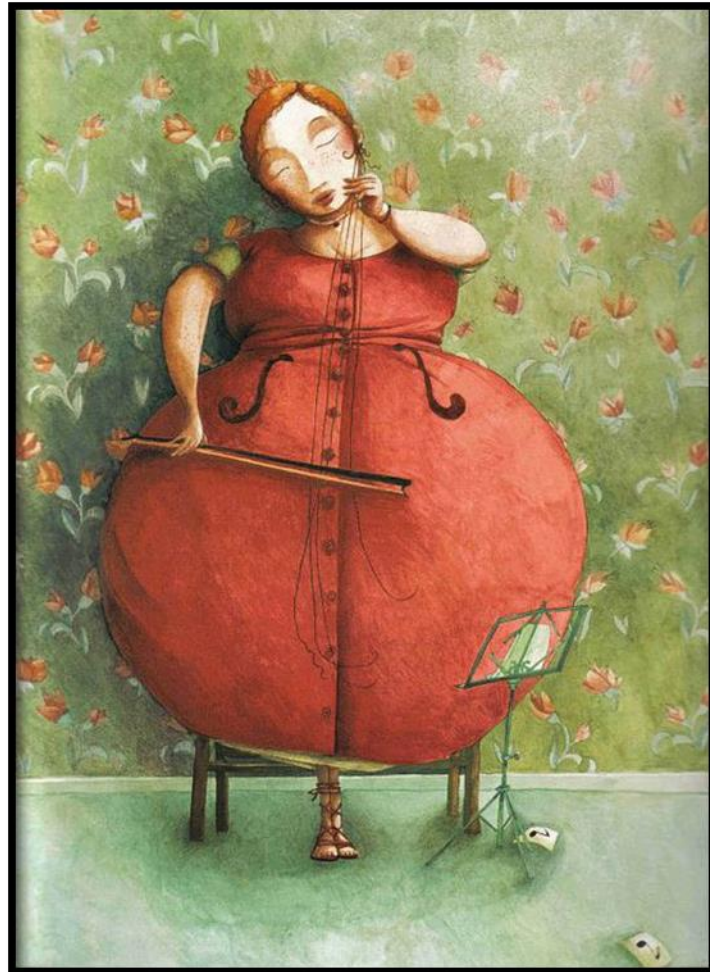
Nesse sentido, refletimos que o espaço de educação deve ser um “Universo Colorido”, o universo cultural onde estamos inseridos, onde descobrimos suas cores, as tintas, do giz de cera, do lápis de cor, dos diversos tipos de papéis, da natureza em seus diversos formatos, do desenho, da literatura e seus personagens fabulosos, da música, da dança, do teatro, da poesia, dos brinquedos, da culinária, das linguagens escrita e oral, das mídias eletrônicas, das obras de artes e suas diversas formas de expressões e descobertas, das nossas memórias e patrimônios históricos, da diversidade cultural a partir da beleza de viver as inúmeras linguagens, sensações, expressões, emoções, curiosidades, espantos, paixões, descobertas, ou seja, um lugar de verdadeiras experiências de construção cognitiva, afetiva, estética, entre outros aspectos.

No capítulo seguinte, discutiremos a literatura infantil na perspectiva estética e poética no contexto da produção da imagem da obra de arte contida nas produções para as crianças na materialidade do livro.



## 2. A LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

Imagem 5 – Princesa Fasola



Fonte: Livro “Princesas esquecidas ou desconhecidas...”

*“Cantar é colorir as palavras”*

*(Lechermeier, 2008, p. 12)*

A imagem acima é de uma princesa, dessas que não vamos encontrar nos contos de fadas tradicionais, isso porque há muito tempo ela foi esquecida e por vezes não chegamos nem a ouvir falar sobre sua vida. Mas sua história tem muito a nos contar e cantar, pois pelos seus lindos trechos musicais, a princesa Fasola nos ajuda a refletir sobre a visão da literatura

como arte e também como nova possibilidade de criação. Essa princesa que se apresenta para nós na forma de um violoncelo nos instiga a refletir sobre a quebra de estereótipos em relação ao conceito de beleza que muitas vezes é representado através das literaturas infantis e juvenis sob um único padrão, mas que aqui nos provoca por seu diferencial criativo por meio da arte e também comum quando nos identificamos com ela.

Ao longo da nossa caminhada, passamos a compreender melhor a importância das experiências estéticas nas instituições educacionais para o desenvolvimento das crianças. Quando almejamos e passamos a experimentar estes estímulos, começamos a observar o mundo e percebê-lo em suas mais diversas expressões de existir, vivenciar o colorido e emocionante universo criativo cultural, transformar-se, apaixonar-se, alegrar-se através da existência e o significado de aprender e viver.

Refletir sobre o papel educativo da literatura infantil na formação da criança como sujeito de seu desenvolvimento e de sua história torna-se, assim, importante à medida que desejamos que as crianças, para além das necessidades de mercado, tenham também necessidade de humanização. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 110).

Quando nos apropriamos desses aprendizados, nos colocamos diante de uma responsabilidade, ou seja, nos perguntamos sobre as nossas propostas pedagógicas como professoras, assim como no ambiente que proporcionamos para as crianças, entre outros. Contudo, dentre tantos aspectos e repertórios culturais, nós escolhemos a literatura infantil e juvenil para explicitar algumas das experiências estéticas que acreditamos ser essenciais no trabalho pedagógico. A literatura se apresenta aqui como uma fonte de riquezas inesgotáveis, pois dela emergem vários potenciais fruidores e criadores, multiplicando e transformando nossas interações e emoções.

Os espaços educacionais devem utilizar esses elementos da cultura, ou seja, das produções literárias voltadas para as crianças, o livro como um veículo criativo para compartilhar histórias a partir das suas mais diversas qualidades e experiências estéticas. Nesse sentido destacamos que “a imaginação, a fantasia, o lúdico são capacidades humanizadoras que, ao lado da cognição, possibilitam o sonho, o idealismo, a compreensão do real, a competência para criar.” (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 89). Acreditamos nesse sentido que a literatura atua diretamente sobre os aspectos do desenvolvimento das crianças, estimulando a partir dessas experiências literárias esse potencial criador das capacidades humanas.

De acordo com Bissoli & Chagas (2012) a literatura possui um papel essencial na sociedade e na educação, pois:

Possui especificidades. Constitui um objeto cultural com destinação social própria, como ademais todas as literaturas: conclamar a beleza, as emoções, a expressividade, a palavra como manifestação de humanidade que evoca a humanização do leitor. Como possibilidade de atribuição de sentidos por aquele que lê, oportuniza a produção de novas maneiras de expressar sua individualidade, sua identidade. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 89).

Quando a criança lê ou escuta uma história de um livro e degusta suas imagens, cheiros, sabores, texturas e fantasias, ela está se apropriando da linguagem artística que o livro proporciona. Entre as suas palavras e imagens existem os pensamentos e poesias de outras pessoas, que também em algum momento de suas vidas tiveram a oportunidade de vivenciar essas mesmas experiências estéticas, mas em momentos históricos, sentidos e significados diferentes, os quais ocasionaram novas possibilidades de expressões criativas e enriquecedoras da nossa cultura. Podemos dizer que a linguagem poética vive aos olhos de quem as interpreta e se emociona, e a criança ao tomar o livro nas mãos, tem a oportunidade desse aprendizado, que pode e deve ser mediado no intuito de ampliar essas interações e percepções com todos os aspectos imaginativos que o livro pode ocasionar. Nesse sentido destacamos Greene (1995) *apud* Girardello (2011) quando nos diz que:

(...) não basta à exposição da criança à arte para que haja o envolvimento, é necessário que ela receba um encorajamento delicadamente equilibrado que tanto a leve a 'prestar atenção às formas, padrões, sons, ritmos, figuras de linguagem, contornos e linhas'. (GIRARDELLO, 2011, p. 77).

Quando dispomos materiais de linguagens literárias para as crianças, estamos proporcionando a elas instrumentos ricos da nossa cultura para as suas experiências, memórias, desenvolvimento. Nesse sentido Vigotsky (2009) destaca a importância do acesso das crianças as experiências sociais e culturais anteriores para que a elas ampliem seus conteúdos, para que assim tenham condições necessárias para imaginar e conseqüentemente criar. No caso do encontro com o livro a criança tem a possibilidade de encontrar com um mundo fantástico da experiência e imaginação de outro indivíduo, visualizado pelas suas narrativas, ilustrações e sensações emotivas, ou seja, o ato de ler nos coloca em contato com as palavras de outras pessoas, e nesse sentido destacamos Bissoli & Chagas (2012) quando

nos remetem a refletir sobre as nossas relações com as linguagens e palavras do mundo. Como destacam as autoras “ As palavras são signos que portam em si conceitos. Ao utilizá-las, o homem age sobre o mundo não mais de forma direta” , pois utiliza-se de representações simbólicas. Ao desenvolver a linguagem verbal,

Envolve-se, nesse processo, pensamentos e emoções; o que é objetivo real une-se à forma subjetiva de dar sentidos aos fatos e a existência. A linguagem assume, portanto, o papel de instrumento da elaboração da consciência, da capacidade de refletir sobre a própria linguagem, sobre o outro, sobre si mesmo e posicionar-se diante de tudo isso. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 67).

Essas interações perpassam navegando pelas memórias significativas que a criança teve em algum momento da sua vida, assim podemos dizer que esses elementos da sua realidade são um grandes potenciais imaginativos e criativos, elementos esses que por consequência podem aparecer nos seus atos, refletindo nas suas brincadeiras de faz de conta, nas suas diversas formas de linguagens, nos seus repertórios pertinentes aos atos criativos. Nesse sentido destacamos a fala de Vigotsky (2009):

(...) a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência do indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos a sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda a atividade mental humana. (VIGOTSKY, 2009, p. 25).

Segundo Girardello (2009), o adulto precisa também estar atento às especificidades das crianças, nos seus tempos para imaginar, esses que precisam ser respeitados, pois a elaboração imaginária muitas vezes requer certa “lentidão”, e nesse sentido entendemos que cada criança possui momentos particulares de interação imaginativa com as materialidades do nosso mundo. Assim, quando pensamos nas propostas literárias, torna-se fundamental também que os espaços e materiais sejam preparados e organizados de maneira que as crianças aprendam a se sentirem e confortáveis, sendo convidadas a imaginar, fazendo as suas experiências através da arte por si mesmas, pondo seus pensamentos a brincar, a inventar e a

imaginar, interagindo poeticamente com o meio ao mesmo tempo em que indaga e se relaciona com as manifestações da nossa cultura. Nesse sentido, entendemos que “a estética como uma dimensão da cultura deve, portanto, ser ensinada também na escola, sem perder a ideia de que a “educação estética” transcende a escola e pode ser introduzida na própria vida, mas que também é a vida que se expressa dentro da escola.” (CHAGAS, 2006, p. 121).

Para representar esses elementos nós apresentamos aqui à imagem da Érica, no Livro “Érica e os Impressionistas”, numa parte da história em que ela entra no quadro e começa a interagir com o seu cenário, um momento brincante de ser criança, pelas alegrias de se encorajar a viver suas emoções, vestindo-se do faz de conta, rodopiando, dançando, experimentando. Érica representa aqui as interações das crianças com a literatura e o livro que conta a sua história se evidencia por suas inúmeras qualidades.

Imagem 6 – Érica quando entra no quadro de Edgar Degas “As dançarinas azuis”



Fonte: Livro “Érica e os Impressionistas”

A literatura infantil e juvenil comporta esse diálogo entre as narrativas e suas materialidades, assim como o seu aspecto físico. Essas narrativas, as leituras visuais e as sensações possuem a capacidade de elevar as condições imaginativas a um conhecimento para além das páginas foleadas, pois causam impressões, e esse impressionismo revela seu aspecto estético. Contudo, podemos dizer que esses momentos são aprendidos num encontro individual de cada pessoa, mas que no ambiente educacional precisam ser mediados, assim como a atitude pedagógica da escolha do livro que a professora vai ler na roda, ou seja, estamos refletindo sobre o conhecimento que indaga a qualidade das narrativas, ilustrações, assim como a compreensão sobre as concepções de infância e os estereótipos formadores de padrões que podem também serem encontrados nas linguagens literárias, etc. Nesse sentido, “busca-se voltar o olhar para aquela produção, destinada exclusivamente a infância, que ocupa uma fatia grande do mercado editorial com uma multiplicidade de títulos, mas que não pode ser pensada sem os critérios de qualidade estética que permeiam o processo literário.” (DEBUS, 2006, p. 13).

Devemos considerar o direito das crianças a infância nas práticas educativas e nesse sentido destacamos as palavras de Mello (2007) *apud* Leontiev (1978):

A infância é o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas. Isso permite às novas gerações subir nos ombros das gerações anteriores para superá-las no caminho do desenvolvimento tecnológico, científico e do progresso social. Desse ponto de vista, a luta pela infância – pelo direito a um tempo despreocupado com a produção da sobrevivência – e contra sua abreviação e sua exploração tem sido uma luta histórica dos homens e mulheres que nos antecedem para melhorar a vida em sociedade. (MELLO, 2007, p. 90).

Bissoli e Chagas (2012) nos instigam a refletir sobre um conceito de infância instalado na sociedade através de uma lógica de mercado, essas que se apresentam sob condições de “homogeneizar o que é ser criança”, e pensando também nos aspectos literários, destacamos:

Os interesses de mercado propõem uma visão de infância baseada no consumo: busca-se estabelecer padrões de comportamento por intermédio de produtos com destinação específica para as crianças. Aliado a isso está o confinamento da infância, a substituição do espaço para brincar e produzir cultura pelo espaço de aprender e preparar-se para o futuro. Nota-se com isso que a vida é substituída pela preparação para a vida; as experiências de hoje

não tem importância para esse momento, mas para um depois, para um vir a ser. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 13).

Por conseguinte, podemos dizer que compreendemos a criança como um ser social e ativo, capaz de expressar suas ideias, emoções, sentimentos e expectativas frente às particularidades infantis, estas que aqui se apresentam destacadas através das suas interações com o mundo. Nesse sentido, destacamos como uma das referências para as propostas pedagógicas, reconhecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), os princípios estéticos: “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.” (DCNEI, 2010, p. 16).

As histórias narradas pelos livros através das suas palavras, pelas imagens e pela oralidade são um convite a uma experiência estética, essas que podem emocionar e levam a criança a sonhar, imaginar, transformando-se em significados que se transportam a memória, constituindo assim a identidade das crianças. Esse convite pode e deve ser prazeroso e belo aos olhos de quem os vivencia e esse olhar pode estar em meio a uma roda de conversa, em meio a almofadas macias, em meio a imensos tapetes e puffs de uma biblioteca, em meio a árvores de um bosque ou jardim, em meio a jogos teatrais, em meio às areias de uma praia, no meio de uma lagoa numa “Barca dos Livros”<sup>3</sup>, em meios de muitas possibilidades existentes do nosso mundo, no entanto é preciso investigar e estar curioso a novas descobertas. Nesse caso destacamos as palavras de Albano (2013) em uma palestra, onde ela nos instiga a refletir que “a arte ajuda a gente a ver a realidade e a realidade ajuda a gente a ver a vida sob novas perspectivas” e ainda destaca que “as gaiolas são sempre imaginárias, pois nos entre lugares ainda têm liberdades, aquelas que a gente se permite”.

Por conseguinte, destacamos a importância e a necessidade de possibilitar momentos literários com as crianças também como fontes e estímulos a imaginação criadora e particular por imagens, nesse sentido destacamos as palavras de Girardello (2009):

Um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação sub- jetiva, para sua exploração estética e afetiva dos

---

<sup>3</sup> A Barca dos Livros - é uma biblioteca comunitária, mantida pela Sociedade Amantes da Leitura, com sede na Lagoa da Conceição, em Florianópolis/SC. Dentre suas várias atividades, destacamos aqui o passeio de barco pela Lagoa da Conceição com narração de histórias e o acesso a diversos livros dentro do barco, bem como a atividade intitulada a Escola vai à Barca (agendamento das escolas das redes pública e particular). Site: [www.barcadoslivros.org.br](http://www.barcadoslivros.org.br).

meandros do mundo. A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Isso ocorre tanto em relação aos contos literários quanto aos casos contados no meio das conversas, tão apreciados pelas crianças. (GIRARDELLO, 2011, p. 82).

Quando refletimos sobre essas imagens que as crianças trazem dos seus repertórios de vida quando vivenciam e experimentam as narrativas, nos remetemos a pensar também na importância de novas experiências, essas que devem momentos provocadores de encantamentos através das suas dimensões estéticas. Essas experiências nos provocam a refletir sobre a importância da literatura na vida de uma criança e o papel essencial cativante que essa linguagem da arte nos provoca enquanto degustadores das suas especificidades e dimensões estéticas poéticas. Assim destacamos as palavras de Debus (2006) enquanto cita trechos de um texto de Mario Quintana (1993) em um de seus encantamentos:

O texto de Mário Quintana 'O conto de todas as cores' ilustra de certo modo, a importância do contato das crianças com a literatura. A narrativa descreve um local em que tudo é colorido, onde as cores não obedecem às regras usuais: a menina verde dourado, um menino azul e um cachorro de todas as cores; o ilógico incomoda, causa perplexidade e os homens da lei (senhor prefeito e comissão de doutores) realizam várias tentativas de extrair a cor "errada"; no entanto todas as tentativas são em vão, pois, como disse o cachorro a sabia comissão: - Mas nós não nascemos (...) nós fomos inventados. (DEBUS, 2006, p. 20).

O conto de Mario Quintana nos instiga a pensar também que nem sempre os novos potenciais criativos estéticos vinculados à arte e as linguagens literárias agradam aos olhos de uma sociedade que tende a padronizar os processos cognitivos de criação. Os acessos das crianças a livros de qualidade também são limitados devido a seus valores de mercado, assim como os conhecimentos e saberes críticos a respeito da nossa cultura se encontram fora do alcance de uma grande parcela da população no nosso país. As crianças que desde muito cedo são instigadas a ler, a escutar histórias e que não são privadas dessas vivências artísticas, provavelmente se tornarão adultos apreciadores do ato da leitura, pois exercitaram a curiosidade, desenvolveram hábitos e valores, se emocionaram e possivelmente imaginam as mais variadas possibilidades criativas da mente humana. Esse processo não é esquecido, mas configurado em memória, exercendo um papel importante na formação da identidade das crianças.



A educação estética provinda da experiência com a literatura ser revela sob um aspecto gracioso da infância, pois essa vivência se encontra recheada de práticas brincantes, essas que podem ser transportadas para mundos, onde se permite tudo pelas vias da imaginação. Acreditamos que esse encontro com a alegria envolvente das linguagens literárias oferece as crianças a “cartese” da experiência estética, mas que mediadas por vias das linguagens artísticas somos capazes de obter os significados extraordinários. Neste sentido, Walter Benjamin (1984) nos inspira a pensar nesse grandioso momento da criança que possui a oportunidade da leitura mesmo que em condições limitadas:

*Criança que lê:* Da biblioteca da escola recebe-se um livro. Nas classes inferiores os livros são distribuídos. Apenas de vez em quando ousa-se expressar um desejo. Com frequência vê-se, com inveja, os livros almejados caírem em outras mãos. Finalmente recebe-se o seu. Durante uma semana o leitor esteve inteiramente absorto da agitação do texto, a qual suave e secretamente, densa e ininterruptamente, envolveu-o como flocos de neve. Assim ele entra dentro do livro com ilimitada confiança. Silêncio do livro que fascina mais e mais. Cujo conteúdo não era assim tão importante. Pois a leitura caiu naquela época em que se inventa na cama as próprias histórias. A criança persegue esses caminhos nebulosos. Durante a leitura ela tapa os ouvidos; seu livro fica sobre aquela mesa muito alta e uma mão está sempre sobre a página. Ler as aventuras do herói no torvelinho é para a criança como fisgar figuras e mensagem na agitação dos flocos. Seu alento paira sobre a atmosfera dos acontecimentos e todas as figuras o sentem. A criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. O desenrolar e as palavras trocadas atingem-na com força inefável, e quando ela se levanta está envolvida pela nevasca que soprava da leitura. (BENJAMIN, 1984, p. 78).

A partir desta leitura ficamos instigados a refletir sobre essa interação das crianças com as histórias, pois como Benjamin (1984) nos afirma a “criança mistura-se com os personagens”, ela “entra dentro do livro com ilimitada confiança”, se envolve com as realidades ficcionais fantásticas, essas que por vezes passam então a fazer parte dos seus repertórios imaginários, das suas brincadeiras de faz de conta, das suas linguagens e por consequências de seus meios para se desenvolver e aprender.

Segundo Honorato (2007) o valor estético e poético da literatura pensada para as crianças, nem sempre estiveram e se encontram presentes nas instituições de educação, onde o livro infantil e juvenil muitas vezes é utilizado como recurso pedagógico que acabam por transformar esses momentos preciosos de contato com a literatura baseados em “formulas, rotina e obrigação”. A literatura muitas vezes aparece na escola “acompanhada de dever, de tarefa a ser cumprida, [...] ao invés de ser acompanhada de prazer, de deleite, de descoberta.”

(HONORATO, 2007, p. 10). Nesse sentido, a autora nos instiga a pensar na responsabilidade da escola enquanto instituição voltada para uma educação de qualidade, considerando também as inúmeras qualidades do universo literário:

Caberia à escola trabalhar com todas as possibilidades que a literatura permite: com as emoções que ela provoca, as sensações que ela mobiliza, o medo que ela desencadeia, as janelas que abre, as portas que fecha. Desta forma, as crianças teriam maiores condições de desenvolver o seu potencial crítico, podendo pensar, duvidar, questionar, gostar ou não, concordar ou não. Começariam a amar um gênero, um autor, uma ideia, um tema – há tanto para descobrir... (HONORATO, 2007, p. 10).

Entendemos que o gosto pela leitura é um hábito que a criança aprende a cada dia, pelas suas experiências com o mundo e com a natureza, através da autonomia, pois “[...] quando a criança tem motivos para ler um livro de literatura infantil e está envolvida por eles, essa leitura é uma atividade que culminará em aprendizagens – individuais e num ritmo próprio, não resultantes do ensino e não passíveis de controle pelo adulto.” (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 116). Nesse sentido destacamos Chagas (2006) quando nos remete a refletir sobre a responsabilidade da escola para com a literatura:

Encontrar brechas, formas, tempo, lugar para a narração de histórias na escola é, por um lado, permitir o acesso ao mundo da literatura, da fantasia, àquelas crianças que não têm outro tipo de contato com repertórios de narrativas literárias e por outro lado, ampliar o repertório daquelas que vêm com bagagem de “famílias leitoras” e possuem inserção em outros contextos que compõem o mundo da cultura. (CHAGAS, 2006, p. 226).

O professor nesse sentido tem a responsabilidade de promover condições para que as crianças se desenvolvam e avancem nos seus processos de aprendizagem, contribuindo assim nos aspectos da memória através das linguagens orais e escritas, incentivadas com as mais variadas experiências, onde a criança possa exercitar a autonomia. Assim como, escolhendo o livro que vai apreciar, oportunizando momentos para expressarem suas emoções e criatividade também através das brincadeiras e contato com a natureza, no sentido de também ampliarem seus repertórios e vocabulários linguísticos, desenvolvendo a linguagem oral e capacidades de expressão, incentivadas aqui pelo contato das artes literárias e seus

diversos gêneros textuais e pelas artes visuais através das ilustrações e pelo contexto material que o livro proporciona.

Imagem 7 – Linéia quando chega à Ponte Japonesa no Jardim de Monet



Fonte: Livro: “Linéia no Jardim de Monet”

Ao longo dessa caminhada, nós nos deparamos com a Linéia, do livro “Linéia no Jardim de Monet”. Ela nos ajuda a refletir sobre a concretude da nossa pesquisa, pois acreditamos que para entender o significado de educação estética nós também precisamos nos redescobrir esteticamente esse “sentir”, ou seja, remeter as nossas memórias e experiências de vida enquanto sujeitos brincantes e curiosos para com as descobertas do nosso mundo. Linéia representa aqui esse potencial adormecido, esse olhar poético que muitas vezes nos faltam em meio a tantas obrigações no cotidiano das nossas vidas. Nesse sentido, compreendemos ser fundamental que esses elementos significativos e sensíveis, tornem-se rotina essencialmente na vida dos educadores, esses que são responsáveis pela mediação dos processos educativos de outros seres humanos.

A literatura possibilita o contato com diversas modalidades literárias, podendo o professor através delas, favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, as quais também se tornam ainda mais significativas para as crianças, quando são engrandecidas pelas experiências estéticas que o contato com as narrativas literárias podem ocasionar. Nesse

sentido, destacamos os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa quando nos indicam que:

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCN LINGUA PORTUGUESA, 1997, p. 30).

Essas sutilezas também podem ser contextualizadas pelas ilustrações que o livro oferece, pois são componentes importantes da literatura infantil a partir da sua educação estética visual, ou seja, as crianças aprendem também com as visualidades que o livro proporciona. As imagens revelam inúmeras possibilidades de aprendizagens, porém o professor deve mediar o aprendizado da criança, dando-lhe acesso à leitura visual estética, instigando-as a perceber, sentir e imaginar a partir dos significados que as imagens proporcionam em suas mais diversas formas. Compreender as ilustrações que um livro pode nos oferecer, é também experimentar a arte em seus mais amplos sentidos, mobilizados pela sensibilidade estética, pois interpretam também uma leitura visual traduzida por um artista a partir do texto escrito. Nesse sentido destacamos as palavras de Bissoli & Chagas (2012):

A leitura visual assume, pois uma grande relevância na formação da criança leitora. Ao entrar em contato com as imagens, no esforço de compreensão, ela mobiliza as suas mais diversas capacidades, que se integram para a conquista do objetivo maior: atribuição de sentidos, pautados em toda a sua experiência como leitora e sujeito. A criança raciocina, elabora hipóteses de sentido, memoriza, observa, analisa, constrói, brinca. (BISSOLI; CHAGAS, 2012, p. 132).

As imagens causam impressões, qualidades estas que apresentam estranhamento para as crianças, assim elas passam a perceber o mundo mágico das histórias dos livros, inquietando suas curiosidades, prosperando seu desenvolvimento a partir dos significados que vai fazendo por vias da beleza provocadora dos sentidos, fruindo seus pensamentos a partir das impressões do contato com a nossa cultura. As ilustrações são elementos artísticos

preciosos para a criatividade e trazem uma profundidade elementar destacadas no PCN de Artes (1997):

Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos nas imagens dá origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos como conhecimento e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, conforme seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam. O aluno também cria suas poéticas onde gera códigos pessoais. (PCN ARTES, 1997, p. 45).

Refletir sobre a qualidade estética visual que o livro pode proporcionar, nos remete a analisar o que podemos considerar de qualidade, e nesse sentido destacamos as palavras de Charréu (2012):

Uma ‘ilustração’ de qualidade, com todo o seu potencial, não é o mesmo que uma ‘história decorada’. Nesta última, as palavras, por si só, podem contar a história tendo as imagens um papel de quebrar o ritmo do texto ou de apenas decorá-lo. Num livro ilustrado de qualidade as ilustrações não são meras decorações e são tão necessárias quanto cruciais. Aclaram na mente da criança certos aspectos da história que a limitação e a rigidez do textual não permite. O truque que utilizam muitos escritores para crianças é precisamente o de poetizarem o texto, tornando-o lírico, aumentando-lhe a capacidade de gerar significados e ‘visões’ que abordagens mais formalistas textuais impedem. (CHARRÉU, 2012, p. 14).

Contudo, a partir dos nossos estudos, passamos a identificar alguns significados importantes que a criança pode vivenciar quando compreendemos a experiência estética como um direito, sendo assim tornou-se fundamental abordar a literatura como arte pelo conjunto da obra que percorrem nossos sentidos, partindo das suas mágicas palavras, as leituras visuais ilustradas nas suas páginas, seus modos de criação, entre outros. Oliveira (2010) nos instiga a refletir sobre a importância de propostas artístico-pedagógicas na educação das crianças:

A arte emerge de percepções inusitadas, sensíveis e poéticas, pelo jogo, pelo brincar, pelo rir e chorar com imagens e as combinações criadas. A arte convoca a ação da intuição, provoca sínteses que congregam a um só tempo a cultura, a imaginação, as emoções, os sentidos, os conhecimentos. O corpóreo vibra em uníssono. Refletir sobre o encontro e as ações das

crianças com a arte hoje, é perceber cada processo de fruição-criação como algo capaz de instaurar outras realidades, de questionar o real e ir além dele. Para construir propostas artístico-pedagógicas nesta direção, faz-se necessário um conceito de arte e do seu papel na sociedade no qual seja possível tê-la enquanto instauradora de outros possíveis. (OLIVEIRA, 2010, p. 15).

De acordo com Oliveira (2010), cabe aos professores à responsabilidade de suas práticas *para* e *com* as crianças, estarem calcados por esses conhecimentos pelos caminhos das artes, privilegiando os espaços em suas mais diversas expressões da nossa cultura, dentro e fora do ambiente da creche e da escola. É preciso respeitar as crianças, no sentido de ficar atentos aos seus indicativos e singularidades a partir das suas experiências no campo das artes. Podemos dizer que as artes literárias nesse sentido são apenas algumas das mais diversas formas de expressão, nas quais as crianças podem experimentar através das suas relações estéticas, experiências essas que jamais devem ser subestimadas, mas sim valorizadas por toda a sua complexidade de valores, principalmente quando priorizamos o processo de humanizar-se também como um meio de transformação da nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esse estudo, fomos iluminados pela luz de uma lamparina, luz essa que condiz com as luzes da razão, pois iluminaram os conhecimentos que almejávamos enxergar, pelo caminho que começamos a trilhar, juntamente com esse sentimento de encanto e poesia que o mundo pode nos proporcionar, assim como nos emocionar e nos sensibilizar a continuar. Quando olhamos para essa pesquisa, refletimos sobre o potencial criativo e imaginário que almejamos para as compreensões do mundo das crianças, estas que acreditamos que não lhes devem faltar através das linguagens artísticas e experiências estéticas.

Alguns questionamentos levantados apontaram a importância de se considerar a educação estética como absolutamente necessária para o desenvolvimento social e humano. Esta que, como em uma dança, rodopia pelas diversas linguagens e pode se entrelaçar por entre as artes e as experiências socioculturais, tornando-se parte fundamental da formação da nossa sensibilidade e individualidades. Assim, no decorrer desse percurso compreendemos que é possível educar para gerar e acordar aspectos sensíveis e que esse processo de desenvolver-se perpassa por meio das nossas interações com o entorno, estas que podem se engrandecer por via da educação estética.

Também, cabe destacar que é possível mediar os processos de aprendizagens através da dimensão estética, estas que se caracterizaram aqui também pelas linguagens artísticas literárias. Assim, é preciso proporcionar estímulos para esse processo de perceber a si, o outro e o mundo, e podemos dizer que esse transcender humano perpassa pelas emoções, essas que são enriquecidas quando temos a oportunidade de viver poeticamente as belezas das descobertas do nosso mundo.

Contudo a educação para a sensibilidade favorece meios para o desenvolvimento das capacidades humanas, meios esses que podem ser prazerosos à medida que se valoriza a beleza da experiência estética como fundamento das propostas pedagógicas. Por isso torna-se fundamental pensar a educação e desenvolvimento das crianças pelas qualidades das experiências estéticas que lhes são oportunizadas. Nesse sentido enfatizamos a importância dos professores se formarem esteticamente, perante as suas vidas e que esses também tenham condições e acessos à cultura produzida pela sociedade.

Imagem 8 – Ilustração de Rosana Urbes



Fonte: [www.rosanaurbes.com](http://www.rosanaurbes.com)

Esta imagem acima nos ajuda a concluir esse trabalho, pois ela se caracteriza pela sua beleza a partir de uma criação artística, uma ilustração voltada para o mundo fantástico e mágico da literatura. Ao mesmo tempo em que nos identificamos com essa pessoa que flutua num processo de lançar-se e de se deixar plainar.

Esse estudo nos apontou a importância deste lançar-se pela magia da imaginação criativa, fruindo através das belezas provocadoras do sensível humano. A literatura ganhou espaço nesse trabalho à medida que nos emocionava através do conhecimento e pelas diversas formas de expressar as linguagens humanas. Podemos dizer que esta pesquisa nos instigou a aprofundar nossos estudos em relação ao tema, respondendo assim a novas perguntas, devido às riquezas de elementos teóricos, e para tanto passamos a refletir sobre a importância de o pesquisador ir a campo descobrir junto e com as crianças: Como acontece empiricamente esse processo de se desenvolver através das relações estéticas e também com a literatura?

Contudo, podemos dizer que nosso trabalho avançou em relação às respostas que encontramos, pois percorremos caminhos que nossos olhos talvez não almejassem andar, mas que aos poucos foram tomados pela vontade de descobrir novos trajetos, por isso destacamos que essa pesquisa é apenas o começo de grandes percursos que ainda estão por serem descobertos nesse encantamento de viver poeticamente a educação das crianças.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Ana Angélica Medeiros. **Café pedagógico: Arte, infância e práticas educativas em museus.** Universidade Federal de Santa Catarina. Secretaria de Cultura – SECULT, 2013/2. (Anotações pessoais).

BENJAMIN, Walter. **Reflexão: a criança, o brinquedo, a educação.** Rua de mão única. São Paulo: Summes, p. 77-81, 1984.

BISSOLI, Michelle de Freitas, CHAGAS, Lilane Maria de Moura. **Infância e Leitura: Formação da criança leitora e produtora de texto.** Manaus: Editora Valer, 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** vol.2 / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes.** Vol. 6 / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BJÖRK. Christina. **Linéia no Jardim de Monet.** Rio de Janeiro. Salamandra: 1992.

CHAGAS. Lilane Maria de Moura. **A língua materna na primeira série do ensino fundamental: As narrativas como fonte da imaginação criadora.** Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

CHARRÉU, Leonardo. **Arte visual contemporânea, Ilustração e literatura para a infância: Fazendo conexões entre mundos criativos.** Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais 5, 9: 1 - 20. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/6295/3887>. Acesso em: 26/10/2013.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil.** São Paulo: Paulus, 2006.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. (Org). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância.** Revista Pro-Posições (UNICAMP), v. 22, n.02, 2011. Texto disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=pt&nrm=iso). Último acesso: (10/06/2012).

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **O encantamento da literatura na escola: Uma experiência com crianças**. Anais da 30ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, 2007. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/SELM/article/viewFile/454/458>. Último acesso em: 26/10/2013.

LECHERMIER, Philippe. **Princesas Esquecidas e Desconhecidas**. Ilustradora Rébecca Dautremer; (tradução Luciano Vieira Machado). São Paulo: Moderna, 2008.

MAYHEW, James. **Érica e os Impressionistas**. São Paulo: Moderna, 2003.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico cultural**. Florianópolis: Perspectiva, v. 25, n.1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

MEIRA, Marly Ribeiro. **A educação estética, arte e cultura do cotidiano**. In PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MOLON, Susana Inês. **Constituição do sujeito volitivo e criativo: educação estética em Vigotsky**. Educação Estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Zanella, Andréia Vieira (Org) et. al., p. 121 à 130. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

OLIVEIRA. Alessandra Mara Rotta de Oliveira. **Da exposição à criação: a educação estética das crianças na educação infantil**. V Ciclo de Investigações do PPGAV – UDESC. Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/VCiclo/artigo01.pdf>. Último acesso em: 11/11/2013.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil, arte e criação: ensaios para transver o mundo**. In: Diretrizes educacionais pedagógicas para a educação infantil / Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda, 2010.

TRIERWEILLER, Pricilla Cristine. **A formação artístico-cultural do professor da Educação infantil: experiências, trajetórias e significações**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. A educação estética (Capítulo XIII). In: **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANELLA, Andréia Vieira. **Sobre olhares, fios e rendas: reflexões sobre o processo de constituição de educadores (as)**. Educação Estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Zanella, Andréia Vieira (Org) et. al., p. 143 à 154. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.